

# Cristocultura: o fenômeno cultural no processo construcional das cristologias no Quarto Evangelho

*Danilo Dourado Guerra\**

## Resumo

Esse artigo tem como objetivo evidenciar o espectro cristocultural joanino, tendo o fator cultura como metaponto focal e dialógico no que diz respeito ao processo revelacional noemático de construção cristológica no Quarto Evangelho. Nesse empreendimento, a partir de uma narrativa textual que evidencia a saga cristológica do herói joanino, buscar-se-á a diagramação, desde a digital cultural joanina ao seu eixo análogo no tocante ao processo de construção da baixa e alta cristologias e do modelo protocristológico por nós denominado de mesocristologia joanina. Ao final, demonstrar-se-á que estes modelos protocristológicos se estruturam no *locus* comunitário joanino, de forma contingencial e sucessiva, dentro da perspectiva cultural de um judaísmo-helenista com menor e maior grau de aculturação. Estes diferentes graus de helenização, por sua vez, interagem com os distintos (graus) da construção da (s) cristologia(s) joanina, e, por conseguinte, com a especificidade cristológica inerente a cada fase da saga cristológica da comunidade do Quarto Evangelho.

**Palavras-chave:** cristologia joanina, cultura, Evangelho de João, herói.

## Christculture: the cultural phenomenon in the construction process of christologies in the Fourth Gospel

### Abstract

This article aims to highlight the Johannine cristocultural spectrum, having the culture factor as a focal and dialogical metapont with respect to the revelatory nomadic process of christological construction in the Fourth Gospel. In this enterprise, from a textual narrative that reveals the Christological saga of the Johannine hero, we will look for the diagramming from the Johannine cultural digital to its analog axis in relation to the process of construction of the low and high christologies and the protochristological

---

\* Doutorado (2018) e mestrado (2015) em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, com estágio doutoral sanduíche na Università Degli Studi di Padova, Itália (2017). Email: danilostagepadova@gmail.com

model by we denominated Johanine Mesocristology. In the end, it will be demonstrated that these protochristological models are structured in the community locus of Johannine, in a contingent and successive way, within the cultural perspective of a Judaism-Hellenist with lesser and greater degree of acculturation. These different degrees of Hellenization, in turn, interact with the different degrees of the construction of the christology (ies), and therefore with the Christological specificity inherent in each phase of the Christological saga of the Fourth Gospel community.

**Keywords:** johanine christology, culture, Gospel of John, hero.

## **Cristocultura: el fenómeno cultural en el proceso construccional de las cristologías en el Cuarto Evangelio**

### **Resumen**

Este artículo tiene como objetivo evidenciar el espectro cristocultural joanino, teniendo el factor cultura como metapunto focal y dialógico en lo que se refiere al proceso revelacional noemático de construcción cristológica en el Cuarto Evangelio. En este emprendimiento, a partir de una narrativa textual que evidencia la saga cristológica del héroe joanino, se buscará la diagramación, desde la digital cultural joanina a su eje análogo en lo referente al proceso de construcción de la baja y alta cristologías y del modelo protocristológico por nosotros llamado de mesocristología joanina. Al final, se demostrará que estos modelos protocristológicos se estructuran en el locus comunitario joanino, de forma contingente y sucesiva, dentro de la perspectiva cultural de un judaísmo-helenista con menor y mayor grado de aculturación. Estos diferentes grados de helenización, a su vez, interactúan con los distintos grados de la construcción de la cristología joanina y, por consiguiente, con la especificidad cristológica inherente a cada fase de la saga cristológica de la comunidad del Cuarto Evangelio

**Palabras-clave:** cristología joanina, cultura, Evangelio de Juan, héroe

### **Introdução**

O Quarto Evangelho em determinado grau ainda possui tons de icognitudo. Seu caráter enigmático pode ser comprovado a partir da multiplicidade de hipóteses geradas acerca do seu *Sitz Im Leben*. No âmbito científico, praticamente nada em relação a seu conteúdo ou forma descansa na esfera do consenso. A maioria das investigações circula na avenida das probabilidades que se polarizam ou dialogam em maior ou menor intensidade. Por outro lado, o enigma joanino não se estende ao kerigma do Cristo que se faz conhecido pelo mistério da fé, realidade experiencial emancipada das críticas textuais, erudições e análises exploratórias. Nesse palco vital, concordamos com o pressuposto kierkeggardiano, de que o Jesus da fé joanino é revelado no encontro pessoal, nos dias do indivíduo, no seu tempo. Esse fato anuncia e evidencia o potencial fenomenológico autônomo do

Evangelho joanino que repercute e continuará a reverberar no coração dos simples, independente da existência dessa investigação.

Dito isso, especificamente, no que concerne aos debates acerca da cristologia joanina, muitos são os olhares e teoremas que têm sido estabelecidos ao longo dos tempos. Entretanto, atualmente pouco tem se questionado acerca da interface entre o fenômeno cultural estruturado no seio dos grupos joaninos e o processo de compreensão e construção da imagem do herói<sup>1</sup> joanino (GUERRA, 2018). Dentro dos estudos acerca do QE<sup>2</sup>, a investigação acerca da culturalidade joanina talvez seja um dos mais complexos e inacabados processos que permeiam sua exegese. Na esfera dessas complexidades, a visibilização de prováveis digitais culturais estruturadas em dinâmica das culturas pode ser vista como uma das principais chaves de compreensão dos seus enigmas, sobretudo de sua cristologia.

Por outro lado, o estabelecimento de uma provável(is) cultura(s) fomenta rotas de interpretação que tendem a divergir em algum momento. Diante desse cenário de enredamentos que conduz a prováveis distanciamentos interpretativos, cabe ao exegeta uma tomada de posição. Neste enredo, apesar de concordarmos parcialmente com alguns elementos não associamos o trajeto cristológico/cultural da comunidade joanina à maioria das concepções cristológicas estruturadas a partir da Escola da História das Religiões *religionsgeschichtliche Schule* (BOUSSET, 1970; BULTMANN, 1956).

Sob essa perspectiva, esse artigo tem como marco teleológico uma propositiva de atualização em relação à temática suscitada. Nesse intuito, temos como objetivo estabelecer um código *cristocultural*, isto é, um núcleo epistemológico que evoque uma plataforma dialógica entre cultura e cristologia no panorama do Evangelho joanino. Dentro deste construto axiomático, buscamos evidenciar o fator cultura como metaponto focal e dialogal no que diz respeito ao processo revelacional noemático<sup>3</sup> de

---

<sup>1</sup> A partir de um prisma narratológico dos Evangelhos, Jesus pode ser concebido como o herói do QE. Sob essa perspectiva, um herói é definido por seu extraordinário conhecimento e / ou habilidade em comparação com os outros atores do mundo da narrativa (BRO LARSEN, 2008, p. 347-352). Para maiores informações ver Dundes (1977, p. 1-30).

<sup>2</sup> A partir daqui, adotaremos a sigla QE para nos referirmos ao Quarto Evangelho.

<sup>3</sup> O termo noemático deriva do conceito fenomenológico de noema. Noema é “uma palavra de origem grega que pode ser traduzida como ‘compreensão’ [...] Na medida em que adentramos na camada intencional do vivido e, portanto, na estrutura da consciência transcendental, deparamo-nos com o noema: a vivência orientada objetivamente” (TOURINHO, 2013, p. 483-491).

construção cristológica no Evangelho joanino. Nesse empreendimento hermenêutico, de forma embrionária, a partir de uma narrativa textual que evidencia a saga cristológica do herói joanino<sup>4</sup> (GUERRA, 2018), buscaremos, em um primeiro momento, equacionar a digital cultural joanina. Em um segundo momento, trataremos acerca da interface entre cristologia e cultura no QE. Por fim, explicitaremos o espectro cristocultural joanino a partir do eixo análogo entre o matiz cultural joanino e o processo de construção das (baixa e alta) cristologias e do modelo protocristológico por nós denominado de mesocristologia joanina.

Desafio posto, caminhemos.

## **A digital cultural joanina**

No horizonte das potencialidades heterotópicas da comunidade joanina (RICHTER REIMER, 2004; GUERRA, 2015a; 2018), uma análise das digitais culturais implícitas ou explícitas nas linhas do QE pode evidenciar o elemento cultura<sup>5</sup> como um factível código de interpretação do próprio texto. Por essa razão, fizemos questão de escrever um tópico que tratasse especificamente em relação à cultura joanina. Isso se dá pelo fato de que considerarmos que a delimitação (isenta de absolutizações) de um provável do marco cultural se faz útil no sentido de clarear e fundamentar, ainda que em certo grau, nossa empresa exploratória em relação ao Evangelho joanino, sua comunidade e, por conseguinte, sua(s) cristologia(s).

Dentro desse prisma investigativo, uma questão se configura no apontar em um sentido geral quais culturas circulavam no mundo em que o Evangelho foi escrito, outro ponto consiste no evidenciar quais culturas influenciaram a escrita do Evangelho. Em outras palavras, uma demanda seria estabelecer uma descrição do ambiente cultural externo ao Evangelho, outro mote seria descrever o ambiente e influências culturais que atravessam suas

<sup>4</sup> A saga cristológica do herói joanino é um enredo metodológico proposto em nossa tese doutoral para a identificação do processo de compreensão cristológico da comunidade do QE. Maiores detalhes em Guerra (2018).

<sup>5</sup> Compreendemos a cultura como um sistema simbólico, uma teia de significados articulados e fornecedora de sentidos tecida pelo próprio ser humano (GEERTZ, 2008). “Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles (os símbolos) podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”(GEERTZ, 2008, p. 15-24).

linhas. Diante desse dilema, pretendemos tratar acerca da cena cultural do Evangelho, mas, sobretudo analisar o perfil cultural de comunidade, tendo em vista que este será o metaponto investigativo em relação a sua dinâmica cristológica, nosso objeto.

Como já apontado, o estabelecimento do marco cultural que permeia a construção do Evangelho joanino não é algo fácil de ser realizado. Existem múltiplas hipóteses e um nível relativamente baixo de consenso entre elas. Muitos estudiosos acreditam na miscelânea cultural judaico-helenista (DODD, 1978; BRUCE, 1987; CULLMANN, 2001). Por outro lado, existem as opiniões extremas que tendem a centralizar a atmosfera do QE em um quadrante puramente helenista (LE COUR; ERNEST HAVET *apud* LELOUP, 2000, p. 11). Outra hipótese nos mostra sua configuração sob a atmosfera histórico-religiosa de um ambiente helenista invadido por correntes gnósticas (BULTMANN, 1981; VANCELLS, 1989). No outro extremo, existe a vertente das pesquisas que aponta o pano de fundo cultural judaico palestinese (SIMPSON, 1985; BEUTLER, 2013). Essa hipótese de certa forma questiona as hermenêuticas antijudaizantes em vigência.

No que diz respeito ao ambiente cultural onde o Evangelho joanino fora confeccionado, os estudos neotestamentários indicam um cenário de pluri-efervescência de culturas instaladas no mundo mediterrâneo do século I. (MALINA 1995, p. 21-35; STEGEMANN e STEGEMANN, 2004, p. 303-310). A maioria dos estudos aponta para um contexto de hibridismos e sincretismos onde as fronteiras culturais não são facilmente identificáveis. Nesse painel, a cultura helênico-romana e o judaísmo não se deixam separar nitidamente (LOHSE, 2000). Adicionam-se a essa miscelânea as hipóteses que vislumbram o samaritanismo (BROWN, 1983) e o gnosticismo como influências culturais que permeiam os escritos do QE (BULTMANN 1971; VIELHAUER 2005).

Diante desse ambiente multicultural, as alternativas que elegend o judaísmo ou o helenismo como configurações culturais hegemônicas já estão superadas, na medida em que o estudo moderno das ideias joaninas indica que os traços do Evangelho refletem a influência dessas duas culturas além de tantas outras (TEPEDINO, 1993, p. 37). Sob essa atmosfera, o Evangelho joanino evidenciaria uma multiplicidade cultural, bem como um sincretismo das culturas em seu ambiente (TEPEDINO, 1993; VASCONCELOS, 1996). Na concepção de Tepedino (1993, p. 47), essa realidade sincrética engloba em sua configuração influências do judaísmo ortodoxo e heterodoxo, helenismo, samaritanismo e gnosticismo.

Haja vista esses dados, não ignoramos a existência de um ‘caldo cultural’, evidenciado no macro contexto do mundo mediterrâneo, que também pode ser designado como horizonte estrutural do Evangelho joanino (TEPEDINO, 1993). Contudo, levando em consideração as principais interações culturais que envolvem tanto a escrita do documento joanino, enfatizamos de forma primordial o judaísmo-helenista, em menor ou maior grau de aculturação como matriz cultural (e hermenêutica) tanto do Evangelho quanto da própria comunidade.

O marco cultural joanino carrega em si uma matriz cultural – religiosa e hermenêutica que não pode ser negligenciada. Essa matriz é o judaísmo (BEUTLER, 2013). Segundo Brown (2004) e Vidal (2013) a comunidade joanina em seus primórdios era uma comunidade essencialmente judaico-palestina. Levando em consideração esse dado geográfico-cultural, algo que pretendemos aqui é traçar um vínculo analítico-comparativo entre a cultura das comunidades judaico-helenistas da diáspora e a cultura da comunidade joanina. Esse vínculo nos possibilitará analisar tanto o macro contexto do QE, quanto o trajeto histórico da comunidade, bem como elucidar traços de sua peculiar cristologia.

Nesse encadeamento, ressaltamos que na história dos protocristianismos existiram comunidades que não permaneceram totalmente judaizadas. Até pelo fato de que estamos tratando de uma nova configuração religiosa incipiente, não do judaísmo em si. Certamente os cristianismos tem sua gênese na matriz do judaísmo, mas não se trata de um judaísmo ‘puro’. Isso deixou de acontecer na medida em que as próprias comunidades (abertas aos outros povos) possivelmente compreenderam que estavam vivenciando um processo de (re)formulação da religião judaica.

Por esse motivo, a priori, optamos por equacionar os indícios do perfil cultural da comunidade joanina a partir de uma matriz cultural judaico-helenista. Entretanto, desde já tomamos o cuidado de não o relacionarmos com os parâmetros de uma dogmática judaica produzida pelo judaísmo rabínico estruturado pós 70 d.C. Parâmetros diante dos quais, a comunidade joanina em muitos aspectos se posicionou contra. Vale aqui a ênfase de que o posicionamento heterotópico da comunidade em relação ao judaísmo rabínico se dá em relação a um sistema axiológico de preceitos, não em relação aos parâmetros de etnicidade judaica<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Maiores informações em Stegemann (2012).

Dito isso, podemos conceber que as pesquisas acerca das origens dos cristianismos evidenciam hipóteses clássicas que abarcam desde tendências interpretativas que vislumbram a formação dos cristianismos sob um prisma dicotômico-sincrético de culturas, envolvendo principalmente o judaísmo e o helenismo<sup>7</sup> (BULTMANN, 1956; BOUSSET, 1970), até um prisma interpretativo que desconstrói este binarismo cultural e vislumbra um único judaísmo ‘helenista’ na base da formação das comunidades cristãs originárias (HENGEL, 1989). Este último, com o qual concordamos.

Dessarte, para Hengel (1989), o cristianismo primitivo originou-se no Judaísmo da Palestina. Portanto, para se compreender as origens do cristianismo é preciso estabelecer a natureza precisa do Judaísmo a partir da qual ela surgiu. Em sua concepção esse judaísmo do qual se originam as primeiras comunidades cristãs é profundamente influenciado pela cultura helênica (HENGEL, 1989, p. 53). Diante de todas as tendências a maior influência sobre a ascensão da igreja primitiva (e até mesmo no que tange ao cristianismo contemporâneo) não está na divergência entre judaísmo e helenismo, mas a partir de uma síntese entre as duas forças (HENGEL, 1989, p. 2).

Nessa dinâmica de forças, Hengel afirma que “depois de estar a mais de três séculos sob a influência da cultura grega, o judaísmo palestino também pode ser descrito como judaísmo helenístico” (HENGEL, 1989, p. 53, tradução própria). Sob esse aspecto, todo judaísmo deve realmente ser denominado ‘judaísmo helenístico’ no sentido estrito do termo (HENGEL, 1989).

Por sua vez, Hurtado (2008) também entende que história relata que os judeus haviam se deparado com a linguagem e cultura helênica trezentos anos antes dos tempos de Jesus. Nesse cenário, ainda que as respostas judaicas a cultura grega variassem consideravelmente, todas as formas de cultura judaica da época romana estavam helenizadas em distintos graus e modos. Nesse aspecto, historicamente se torna errôneo falar acerca de um ambiente judaico palestino livre de influências helenistas (HURTADO, 2008, p. 43- 44).

---

<sup>7</sup> A tese clássica de Bousset (1970), basicamente estabelece as diferenças entre ‘dois tipos de judaísmo’: o judaísmo palestino e judaísmo helenístico (ou ‘Judaísmo da diáspora’). Estas diferenças seriam múltiplas e profundas e enraizadas em um contexto cultural muito diferente da Diáspora Judaica. Dentro dessa mesma tendência interpretativa, Bultmann (1956), desenvolve a tese que envolve a distinção entre o cristianismo primitivo palestino e o cristianismo helenista, ou cristianismo gentílico. No caso específico do cristianismo joanino e da trajetória cristológica de sua comunidade, alguns aspectos da teoria de Bousset e Bultmann podem ser considerados e reinterpretados à luz de um parâmetro dialógico com outros referenciais teóricos.

Todavia, este não seria um helenismo que romperia com as estruturas da tradição judaica, ou desconfiguraria sua matriz religiosa. Já dizia Grabbe que “o judaísmo é essencialmente uma religião com dimensões culturais, ao passo que o helenismo é principalmente uma cultura com dimensão religiosa” (GRABBE, *apud* IRONS, 2006, p. 32, tradução própria). Dito de outra forma, o helenismo não é uma religião, mas uma cultura que possui aspectos religiosos (IRONS, 2006). Sob essa perspectiva, na conjuntura do judaísmo do segundo templo, este helenismo seria absorvido mais no seu sentido cultural (aculturação) do que propriamente em seu sentido religioso.

Dentro dessa relação sintética entre duas forças que não são antagonicas<sup>8</sup>, Irons (2006) propõe a hipótese da existência de um eixo cultural e religioso em “que seja claramente possível para alguém estar completamente helenizado no eixo cultural e permanecer completamente judaico no eixo religioso” (IRONS, 2006, p. 32). Sob esse contexto, podemos compreender que judaísmo palestino na época de Jesus e das comunidades era em si uma forma de ‘judaísmo helênico’. Em outras palavras, os primeiros cristãos eram todos judeus, mas judeus helenistas, também no sentido estrito do termo (HENGEL, 1989).

Dentro da análise neotestamentária o binarismo, ‘ou judaísmo- ou helenismo’ como categorias analíticas são agora coisas do passado. Esse paradigma além de apontar para a inadequação histórica da dicotomia Judaísmo-helenismo ainda abre caminho para uma compreensão mais cuidadosa e matizada do judaísmo da diáspora, bem como da formação das comunidades cristãs originárias helenistas (com todas as ressalvas em relação ao termo) (IRONS, 2006, p. 22). Destarte, à luz do prisma teórico de Hengel (1989), o marco cultural do Evangelho joanino não se estabelecesse nos moldes de um paradigma dicotômico entre judaísmo e helenismo, mas a partir de uma relação de interação em maior ou menor grau evidenciada entre essas culturas no seio da comunidade.

Essa interação cultural entre judaísmo e helenismo no seio da comunidade joanina pode ser vislumbrada a partir do que Barclay (1996, p. 98-102) denomina de processo de helenização, que segundo o autor possui três estágios, ou graus denominados: assimilação, aculturação e alojamento.

---

<sup>8</sup> “Antes de Hengel, os acadêmicos falam de ‘judaísmo’ e ‘helenismo’ como se fossem opostos forças ideológicas que operam no mesmo plano, dentro do mesmo universo de discurso. No entanto, é bastante enganador pensar na interação das duas culturas dentro de um mesmo nível de forças ideológicas antitéticas” (IRONS, 2006, p. 31, tradução própria).



O grau de assimilação se refere à integração social tem haver com o (tornar-se ‘semelhante’ para os vizinhos): é concernente aos contatos sociais, interação social e práticas sociais (BARCLAY, 1996, p. 92). Este grau de helenização observado a partir de uma escala analítica, leva em conta as ‘condições de contato’ do relacionamento das comunidades judaicas com o mundo gentílico (os não judeus). Esses contatos sociais podem variar muito em seu poder de influência. Nesse estágio, as comunidades judaicas provavelmente foram integradas, ou socialmente afastadas de seus ambientes sociais (BARCLAY, 1996, p. 93).

Por outra parte, o grau de ‘aculturação’, alude aos aspectos linguísticos, educativos e ideológicos de uma determinada matriz cultural (BARCLAY, 1996, p. 92). Analisado a partir de uma escala com graus diversificados, o termo enfatiza certos aspectos não materiais de uma matriz cultural, em particular as suas línguas, valores e tradições intelectuais inclusive a aquisição de *paideia* grega. Os parâmetros da escala de aculturação podem ser distintos, uma vez que não são de modo algum necessariamente simétricos Além disso, há uma confluência entre a aculturação e a assimilação (BARCLAY, 1996, p. 92-95).

Consecutivamente, o grau do alojamento remete-se à utilização em que a aculturação é colocada, em particular, o grau em que as tradições culturais judaicas e helenísticas são mescladas ou polarizadas dentro de um processo que envolve desde a submersão total na cultura helênica até a estruturação de um tipo de antagonismo cultural (BARCLAY, 1996, p. 95). Esse grau de alojamento visto a partir de uma escala analítica<sup>9</sup> pode modificar ou mesmo eliminar suas tradições culturais nativas, em outros, pode servir de equipamento para as comunidades que querem resistir imperialismo cultural dos seus colonizadores. Num prisma geral, podemos distinguir entre tendências de integração e de oposição a própria cultura nessas formas variantes de alojamento (BARCLAY, 1996, p. 97). Nesse grau evidenciam-se os espaços contraculturais que são formados a partir da utilização de elementos

---

<sup>9</sup> No topo desta escala estariam aqueles cujo alojamento implicava a perda da unicidade cultural judaica. Isto é, aqueles que fundiram o judaísmo ao helenismo de forma a submergi-lo completamente. No meio estão aqueles que propõem uma interpretação helenista do judaísmo, mas preservam a sua diferença ou singularidade em certos aspectos. Na outra extremidade do espectro estão aqueles cujo trabalho de aculturação é puramente oposicionista, dando vazão a um ‘bem-educado’, mas ainda assim violento antagonismo à cultura greco-romana. Em outras palavras, esta escala descreve um dos muitos paradoxos do nosso tema: a aculturação que poderia ser usada para construir tanto pontes quanto cercas entre judeus e suas culturas circundantes (BARCLAY, 1996, p. 98, tradução própria).

da cultura como ferramenta estruturante de um discurso heterotópico contra a própria cultura.

Diante desses dados, um passo a mais se faz necessário. Sob essa perspectiva, algo importante a se questionar em relação a nossa investigação é: em que proporção esses graus de helenização se relacionam com o processo de construção imagética do Jesus joanino? A gênese da provável resposta se encontra no núcleo dialógico entre cristologia e cultura na paisagem do QE. Acerca disso versaremos na sequência.

### **Apontamentos para uma cristocultura joanina**

Um dos consideráveis fatores relacionados à variabilidade de testemunhos, percepções e interpretações cristológicas é o contexto cultural instalado no tempo das comunidades que interpretaram Jesus. Desde os primórdios dos cristianismos, a compreensão em relação a Jesus em alguma proporção também se estruturou a partir de influências de elementos culturais de sua época. Sob o prisma dialógico de um duplo horizonte interpretativo, “toda linguagem cristológica, tanto a das narrações acerca de Jesus como a que expressa suas relações pessoais está condicionada culturalmente” (KESSLER, 2003, p. 116, tradução própria). De forma semelhante, no ciclo de estruturação cristológica das comunidades neotestamentárias, sua confissão de fé, bem como seus matizes específicos estão condicionados pelo tempo e pelas culturas (KESSLER, 2003, p. 119). Diante dessa relação, contextos diferentes apontam para culturas diferentes que em menor ou maior grau, fomentam diferentes concepções acerca da enigmática pessoa de Jesus.

Na esfera neotestamentária, o judaísmo e o helenismo são paradigmas culturais que de forma predominante se destacam e se configuram de forma simbiótica. Em se tratando de uma tentativa de investigação cristológica, ambas as culturas se instauram como matrizes condicionantes de interpretação em relação a Jesus Cristo. No entanto, como já observado, esse marco cultural não se estabelece sob um prisma dicotômico ou divergente nos dias de Jesus e das comunidades que o seguiram<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Segundo Cullmann (2001, p. 421), há de se encerrar com o esquema rígido que distingue de forma extrema os contextos culturais a partir da polarização: comunidade primitiva judaica/cristianismo helenístico. Não se pode estabelecer um crivo distintivo entre a existência de uma teologia da igreja paga cristã e uma teologia hierosolimitana como de forma taxativa se costuma fazer. Esta oposição taxativa e delimitada na realidade não existe. Nesse sentido, essa relação entre teologias deve ser levada em conta para o estudo da cristologia do Novo Testamento.

No tocante ao Evangelho joanino, dentre os inúmeros aspectos que podem ser considerados como vetores estruturantes da complexa cristologia do herói joanino, o fator cultura se faz presente e requer algumas perguntas e considerações, a saber: como o cristianismo joanino e principalmente seu trajeto cristológico se relaciona com esses dados culturais inerentes ao QE? Qual a relação entre cristologia e cultura no contexto joanino? Que possível conexão a baixa, alta e mesocristologia joanina possuem em relação ao marco cultural do Evangelho? Qual a relação entre a pluralidade de cristologias e o marco cultural estruturado no QE?

No início de nossa investigação procuramos ‘delimitar’ o marco cultural do Evangelho a partir do estabelecimento da relação entre o judaísmo helenista da diáspora (HENGEL, 1989; BARCLAY, 1996; IRONS, 2006) e um provável perfil cultural da comunidade joanina. Tal empresa se dá pelo fato de que o estabelecimento de um possível marco cultural do panorama do QE fornece um prisma interpretativo e indica com maior probabilidade o marco cristológico de sua comunidade. Sob essa perspectiva, o referencial cultural vigente de alguma forma colabora com a (re)configuração imagem do herói joanino em cena (GUERRA, 2018).

Nesse ponto afirmamos que não negligenciamos a existência de um espesso caldo cultural (TEPEDINO, 1993) que circunscreve o panorama do mundo mediterrâneo do século I, e se evidencia na tessitura do QE. Entretanto, optamos por enfatizar de forma primordial o judaísmo-helenista (HENGEL, 1989; HURTADO, 2008) em menor ou maior grau de helenização (BARCLAY, 1996) como matriz cultural (e hermenêutica) tanto do Evangelho quanto da própria comunidade, bem como de sua peculiar cristologia.

Entretanto, qual seria a relação do processo de helenização e a compreensão cristológica da comunidade? A priori, podemos indicar que, no tange a saga cristológica joanina, esses diferentes graus de helenização (assimilação, aculturação e alojamento), em alguma proporção interagem com os diferentes (graus) da construção de sua(s) cristologia(s), e, por conseguinte, com a especificidade cristológica inerente a cada fase da comunidade. Da mesma forma, o processo de helenização experimentado pela comunidade indica, e em certo grau, responde a plataforma de pluralidades cristológica s do QE. Sob essa perspectiva, a variabilidade cristológica joanina é diretamente proporcional ao grau de helenização da comunidade.

Esses graus de helenização estruturados em momentos históricos distintos da vida da comunidade se relacionam com uma dinâmica de

transição/relação paradigmática cultural instaurada no decurso da saga cristológica joanina.

Na concepção de Kessler (2003, p. 116), o processo de formulação das cristologias neotestamentárias está ligado a uma estrutura de linguagem acerca de Jesus que se acomode ao contexto cultural vigente. Todavia, esse processo, não se articula a partir de uma relação de ruptura cultural, mas dentro de uma dinâmica de adaptação que engloba a transmissão e apropriação de tradições. Essa dinâmica abarca uma trama que remete a continuidades, estruturadas a partir de um amálgama cultural dentro da formação dos cristianismos incipientes (KESSLER, 2003, p. 116). Dentro dessa conexão,

A transmissão e apropriação das tradições se reduz sempre a modelos representativos e linguísticos que se fazem compreensíveis em determinado espaço cultural. Dentro dessa perspectiva se chega inevitavelmente a uma certa acomodação de Jesus e da fé em sua pessoa dentro de esquemas de compreensão cultural específicos, sem que aja uma adaptação por completo diante dos mesmos, e, sem que tais esquemas abriguem essas interpretações adequadamente. Essa persistente diferença mantém sempre aberta à busca de uma linguagem mais apropriada tanto a Jesus como ao próprio contexto (KESSLER, 2003, p. 116-117, tradução própria).

É dentro dessa dinâmica de transmissão, que ocorre uma transição paradigmática dos modelos de compreensão históricos do judaísmo antigo para os modelos cósmicos do helenismo (KESSLER, 2003). No tocante ao QE, essa transição/relação paradigmática se relaciona diretamente com os graus de helenização da comunidade joanina e também pode ser observada na saga cristológica acerca do herói. Nessa caminhada, a cristocultura joanina se equaciona em vários matizes. Trataremos sobre isso a seguir.

## **O primeiro matiz cristocultural joanino**

O primeiro matiz do espectro cristocultural joanino se relaciona com o perímetro geográfico vivenciado nos primórdios da saga cristológica joanina. Nos referimos ao momento da história dos grupos joaninos em que estes se localizam na Palestina entre os anos 30-70 d.C. (VIDAL, 2013, p. 29), dado, que por sua vez, sugere, à luz de um espectro geográfico-cultural, a configuração de um cristianismo do tipo palestino-helenista (HENGEL, 1989; HURTADO, 2008) estruturado no seio da comunidade joanina desde

o seu nascimento. Trazemos à memória a menção de que todas as formas de cultura judaica da época romana estavam helenizadas em distintos graus e modos. Por consequência não havia um ambiente judaico livre de influências helenistas (HURTADO, 2008, p. 43- 44). Destarte, o cristianismo palestino originário, era helenizado, ainda que em um baixo grau, visto já possuíam contato com a língua grega além dos demais vínculos sociais de aculturação e alojamento (HENGEL, 1989; BARCLAY, 1996; IRONS, 2006).

Na conjuntura joanina, essa estruturação remete à fase pré-literária ou pré-evangélica da comunidade (MARTYN, 1979a; BROWN, 1983; VIDAL, 2013) e prefigura um panorama pós-pascal das tradições (CULPEPPER, 1999; SCHNACKENBURG, 2001), memórias e oralidades acerca do herói da comunidade do QE. Nesse período, a comunidade joanina era compreendida por judeus cristãos que estavam numa corrente reativamente tranquila de continuidade social e teológica precisamente dentro da sinagoga. No espaço sinagoga, este grupo de judeus de fé simples (fé em sinais) se sentia acolhido social, cultural e religiosamente (MARTYN, 1979b, p.98-99).

Esse era um tempo dos debates através das homilias no espaço sinagoga (BROWN, 1983). Nesta etapa primeva, a comunidade joanina revela um ‘ensaio’ cristológico, onde Jesus provavelmente era proclamado como o Messias do tipo davídico (TEPEDINO, 1993, p. 191). Desta feita, nos primórdios do cristianismo palestino-helenista joanino, a relação imagética e arquetípica que evoca a figura do herói-rei constitui-se na gênese matricial da primeira plataforma cristológica estruturada no âmago de sua comunidade. Esta plataforma muito se assemelha ao referencial cristológico sinótico oriundo das primeiras comunidades cristãs-palestineses (FORTNA *apud* THATCHER, 2007, p. 168). Tais comunidades eram dependentes dos discípulos originais e davam valor às tradições sobre o Jesus terreno, suas palavras e ações. Estas possuíam uma baixa cristologia, enraizada nos conceitos judaicos de Jesus como o Messias e o ‘Filho do Homem’(BULTMANN, 1956; 1981).

Outro momento da saga cristológica joanina em que cristologia e cultura se relacionam se estabelece a partir da escrita do Primeiro Evangelho joanino (E1<sup>11</sup>). Este enredo escriturístico se concatena a um movimento migratório joanino ocorrido devido à instabilidade criada pela guerra judaica contra os romanos bem como os conflitos crescentes entre os próprios grupos

---

<sup>11</sup> Em nossa pesquisa adotamos a teoria das fontes joaninas elaboradas por Senén Vidal (2013).

joaninos oriundos da Palestina (VIDAL, 2013, p. 51). Nessa ocasião, os grupos joaninos se deslocam da região da Palestina para um perímetro geográfico rural/campesino ao norte da Palestina, provavelmente localizado nas regiões da Galaunítide e Bataneaia, nos anos 70-80 d.C.. Tal ocorrência geográfica corrobora com nossa propositiva acerca da existência de um davidismo popular como parâmetro messianológico joanino, bem como sugere a continuidade de um cristianismo do tipo palestino-helenista (HENGEL, 1989; HURTADO, 2008), ainda com menor grau de aculturação (BARCLAY, 1996).

Essa afirmativa se estabelece na medida em que levamos em consideração o fato histórico de que as formas de cultura judaica da época romana estavam helenizadas em distintos graus e modos (HURTADO, 2008, p. 43-44). Nesse aspecto, ao remontamos a escala de aculturação das comunidades judaicas helênicas proposta por Barclay<sup>12</sup> (1996, p.96-96), concebemos que apesar de o período supracitado evidenciar o contato dos grupos joaninos com a língua grega, sobretudo através da escrita do Primeiro Evangelho joanino (E1), o *locus* geográfico rural/campesino, bem como a *heterogeneidade* econômica, que indica a presença de pessoas do estrato inferior da sociedade na comunidade joanina, apontam, contingencialmente, para um menor grau de aculturação helênica entre seus membros.

Esse quadro axiomático, por sua parte, se estabelece como marco cultural em que a cristologia real joanina foi estruturada. No círculo joanino, o modelo protocristológico real é visível, sobretudo, no discurso de Jesus diante de Pilatos *Ἡ βασιλεία ἡ ἐμὴ οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ κόσμου τούτου* “Minha *basileia* não se origina neste mundo”, em Jo 18,36. Esse modelo cristológico régio se relaciona com a expectativa messiânica popular ressignificada joanina e constitui-se no substrato da baixa cristologia joanina incipiente (GUERRA, 2015b; 2018). Este paradigma histórico-cristológico, por seu turno, nos transporta ao segundo matiz cristocultural joanino que será delineado a seguir.

---

<sup>12</sup> No topo dessa escala estão os que possuem a expertise helênica em seu sentido mais avançado. Não muito abaixo estão os que têm familiaridade com a literatura grega, retórica, filosofia e teologia. Na sequência, em algum lugar abaixo desta pirâmide educacional estão os que possuem familiaridade com os valores morais comuns do mundo helenístico (as virtudes cardeais). E por fim, na parte inferior da escala aqueles que não tinham acesso ao grego (BARCLAY, 1996, p. 95-96).

## O segundo matiz cristocultural joanino

O segundo matiz do espectro cristocultural joanino, por sua vez, se relaciona com segundo passo da saga cristológica do herói. Nessa etapa, o processo de helenização vivenciado sinaliza a matização de um maior grau de aculturação helênica (BARCLAY, 1996, p. 92) na atmosfera do judaísmo-helenista joanino, delineado, sobretudo, a partir da expulsão da comunidade joanina da sinagoga e do contingente deslocamento dos cristãos joaninos para a cidade de Éfeso (BROWN, 2004, p. 509; BLANCHARD, 2004, p. 33-34). Momento em que se dá de forma enfática o ingresso de pessoas de origem greco-gentílica na comunidade (VIDAL, 2013, p. 229-312).

Este acesso grego na contextura joanina identifica-se a partir de um paralelo intertextual, que faz referência à abertura das comunidades joaninas ao mundo gentílico iniciada na escrita do Primeiro Evangelho (E1) e consumada no Evangelho joanino transformado (E2<sup>13</sup>) (VIDAL, 2013, p. 229-312). Em se tratando de uma perspectiva de maior grau de helenização a partir de E2, o paralelo textual entre as passagens Jo 12,20-21<sup>14</sup> (E1) Jo 7,35<sup>15</sup> (E2) aponta uma evolução cultural gradativa que se corrobora nas expressões: *θέλομεν τὸν Ἰησοῦν ἰδεῖν* “desejamos ver Jesus” Jo 12 (E1) e *πορεύεσθαι καὶ διδάσκειν τοὺς Ἑλληνας;* (ir ensinar os gregos), o que demonstra uma maior abertura da comunidade joanina a cultura grega a partir de E2).

No horizonte do QE, a assimilação da cultura helênica está diametralmente relacionada ao processo de universalização do cristianismo joanino. Nesse aspecto, tanto a obra de Jesus quanto a cristologia produzida acerca dele não se restringem a história do judaísmo, mas tem alcance universal. Para a expressão destas verdades deveria haver outra tradição à mão dos grupos joaninos (LIGHTFOOT, 1957, p. 49). Este maior grau de aculturação, evidencia, por seu turno, um maior contato dos grupos joaninos

---

<sup>13</sup> Segundo Vidal (2013) este documento joanino é uma edição refundida e estendida do Primeiro Evangelho (E1).

<sup>14</sup> O texto joanino assinala: “Ora havia alguns gregos, entre os que tinham subido a adorar no dia da festa. Estes, pois, dirigiram-se a Filipe, que era de Betsaida da Galileia, e rogaram-lhe, dizendo: Senhor, desejamos ver a Jesus” (Jo, 12,20-21).

<sup>15</sup> A referida passagem contém a afirmativa: “Disseram, pois os judeus uns para os outros: Para onde irá este, que não o acharemos? Se disporia a ir para os dispersos entre os gregos, e ensinará os gregos?” (Jo 7,35).

com certos aspectos não materiais do helenismo, em particular as suas línguas, valores e tradições intelectuais, inclusive a aquisição da *paideia* grega<sup>16</sup>

Outro exemplo textual deste processo de aculturação se equaciona no primeiro verso do prólogo joanino:

Ἐν ἀρχῇ ἦν ὁ λόγος, καὶ ὁ λόγος ἦν πρὸς τὸν θεόν, καὶ θεὸς ἦν ὁ λόγος.

*En archē ēn ho logos kai ho logos ēn pros ton theon kai theos ēn ho logos*: “No princípio era o Logos, e o Logos estava com Deus, de fato o Logos era Deus” (Jo 1,1, tradução própria).

Dentro da poética sequencial do prólogo joanino, este verso evidencia a existência do que chamamos de cristologia joanina da glória. No QE a cristologia da glória se relaciona com a compressão da divindade de Jesus e com o ulterior culto ao herói joanino. No modelo protocristológico da glória se estabelecem a ressignificação e a personificação do conceito judaico/helênico Logos (palavra/Motivo) na compreensão do Jesus joanino, bem como o paradigma de eternidade e preexistência do Logos-Jesus. Este o protótipo cristológico em que o Jesus joanino é compreendido, cultuado e proclamado como o herói-Deus, por sua vez, se faz substrato da alta cristologia joanina (GUERRA, 2018).

À luz desta perspectiva, assumimos a posição interpretativa de que a maturação do Logos explícita no hino comunitário Jo 1,1 explica-se em grande medida a partir de um nexos de ambiguidades que evidencia em seu conteúdo reminiscências e matizações, de um lado, do ideário judaico de palavra (*debar ihwb*) e Sabedoria de Deus, de outro, da doutrina do Logos expressa nas obras de Fílo, no sentido de que este se arquiteta como o conteúdo racional de pensamento, concebido como uma hipótese divina (BARRETT, 1978, p. 155; DODD, 2003, p. 367-369). Tal referencial abarca e evidencia a tessitura matricial simbiótica da cultura judaica e helênica no contexto do QE, e pode ser visto como um princípio de convergência para a compreensão do Logos joanino (LIGHTFOOT, 1957, p. 54; DODD, 2003, p. 358-367). Tal relação simbiótico-cultural na tessitura do QE sintetiza-se através da metáfora do ‘encontro das águas’ que permeiam o Logos joanino.

<sup>16</sup> A partir da influência do governo de Alexandre, o grande, a *paideia* grega imbricou-se a cultura dos cristianismos originários. Neste contexto, o conceito de divindade passa também a estrutura-se no domínio filosófico que evoca a percepção do transcendente e do imaterial através da mente (FREDRIKSEN, 2013, p. 249-266). Maiores informações acerca do tema, ver também em Lightfoot (1957, p. 54).



Metaforicamente, pode-se afirmar que o mar da religião cristã forma-se por uma mistura de águas, que englobam os rios do judaísmo e do helenismo. Esta contribuição de culturas, por sua vez, formata a religião cristã originária e consequentemente a sua concepção acerca da pessoa de Jesus, sobretudo sua relação com o Logos no QE (LIGHTFOOT, 1957, p. 50).

No âmbito da história dos grupos joaninos, este paradigma cristocultural implícito na construção do modelo protocristológico da glória em Jo 1,1, também se relaciona com os primórdios da devoção e culto ao herói do QE.

Nesse aspecto, faz-se necessário pontuar que, a investigação relacionada à devoção a Jesus no panorama dos cristianismos originários é extremamente complexa e caminha basicamente por duas vertentes: 1- a que considera o paradigma de divinização e devoção a Jesus a partir de uma matriz helenista de compreensão (BOUSSET, 1970, p. 5; BULTMANN, 1971; 1981) 2- a vertente que considera este paradigma devocional a partir de uma matriz oriunda do próprio judaísmo inerente aos primeiros cristãos (HURTADO, 2008, p. 21-75).

No que se refere especificamente à paisagem devocional joanina, diante destas duas tendências propomos a configuração de um meio termo epistemológico, isto, é, um caminho de dialogicidade, que, não visibilize o culto a Jesus a partir de um nexos polarizante de influências culturais, mas que considere o já mencionado espectro cultural judaico-helenista (HENGEL, 1989, p. 2) inerente ao trajeto dos grupos joaninos.

À luz deste posicionamento hermenêutico, sob um aspecto primevo, concordamos com a tese de Hurtado (2008, p. 50-75), que sinaliza-nos dois elementos substanciais a serem considerados: 1- qualquer teoria acerca das origens e evolução da devoção primitiva a Jesus (em nosso caso a devoção joanina); deve estar ligada à matriz religiosa que originou a religião cristã, ou seja, ao judaísmo, e, por conseguinte, levar em deferência o papel destacado do seu contexto monoteísta. 2- no círculo dos cristianismos originários (em nosso caso o cristianismo joanino) houve uma reformulação da fé e prática monoteísta judaica, uma mutação bastante distinta ou um tipo de inovação e (re)interpretação da tradição monoteísta, na qual se inclui a Jesus junto a Deus como destinatário legítimo de culto, instaurando-se assim uma forma binitária de devoção (HURTADO, 1988, p. 2-127). Esta adaptação de Jesus como objeto de culto ao lado de Deus não tem paralelos e marca uma enorme transformação paradigmática na fé e *práxis* cultural monoteísta, e

torna a devoção a Jesus se torna um fenômeno singular e misterioso, dentro da comunidade judaico-cristã.

Por outra parte, não podemos negar a possibilidade de que o maior grau de helenização (BARCLAY, 1996, p. 92) inerente ao deslocamento dos grupos joaninos para Éfeso, tenha imprimido reminiscências helênicas na estruturação do monoteísmo cristológico joanino implícito em Jo 1,1, e conseqüentemente, nonexo devocional destas comunidades. Dentro deste material cultural anaminético provavelmente encontra-se a plataforma mitológica que repercute as jornadas e o culto ao herói aos moldes helênicos da antiguidade.

Esta simbiose de matizações e reminiscências culturais e religiosas, intrínseca na diagramação cristológica da glória do herói joanino, associa o cristianismo joanino como um tipo peculiar de devoção a Jesus (HURTADO, 2008, p. 400; INFANTINO, 2017, p. 84), e cristaliza, uma vez mais, as complexidades que envolvem a configuração particular de um neomonoteísmo, e, por conseguinte, a *dynamis* cultural a Jesus que esta nova concepção do divino estabeleceu no seio dos grupos joaninos. Nesse contexto cristológico-devocional, em síntese, tanto dos paradigmas inerentes ao monoteísmo judaico quanto as prováveis reminiscências helênicas são ressignificadas no Cristo joanino. Estes elementos, por sua vez, nos dirigem ao terceiro matiz cristocultural joanino. Abordaremos acerca dele sequencialmente.

### **O terceiro matiz cristocultural joanino**

O terceiro matiz do espectro cristocultural joanino se relaciona com o último passo da saga cristológica do herói e se sintetiza na homologese<sup>17</sup> da encarnação do herói em Jo 1,14, **Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο** “E o Logos se tornou carne”.

Em nossa tese, evidenciamos que a homologese da encarnação do herói repercute a saga cristológica da comunidade e revela a configuração genético-noemática de um neoprotótipo cristológico sintético, no qual os modelos cristológicos real/baixa e da glória/alta orbitam, plasmam-se e se ressignificam dialética e complementarmente (GUERRA, 2018, p.318). A este protótipo cristológico perpendicular, que estrutura-se como “ponto de equilíbrio, intersecção e síntese cristológica integral e que explicita uma

17 A expressão homologese deriva do grego *homologeō* e significa confissão de fé (HURTADO, 1988, p. 112).

relação amalgamática e (re)estruturante não excludente entre as matrizes protocristológicas horizontal e vertical denominamos de mesocristologia joanina” (GUERRA, 2018, p.318-319). Este modelo cristológico se designa como uma categoria cristológico-analítica mais sofisticada para os estudos do QE<sup>18</sup>.

Dentro das possibilidades de desdobramentos teóricos proporcionadas pela visibilização do modelo mesocristológico joanino encontra-se o viés análogo entre mesocristologia e cultura no QE. Sob essa perspectiva, concebemos que na dinâmica do trajeto joanino localizado em Jo 1,14, a plataforma genética mesocristológica constitui-se num construto híbrido-cultural.

Na estrada kerigmática e fenomênica em que o próprio Jesus se faz companhia, as adversidades do caminho fazem da comunidade joanina uma andarilha entre dois mundos (HENGEL, 1989). Neste contexto, de forma específica, a analogia entre os modelos protocristológicos real e da glória, (substratos da baixa e alta cristologia joanina), não se articula a partir de uma relação de ruptura ou transição paradigmática cultural, mas dentro de uma dinâmica relacional de adaptação e aprofundamento, que engloba a transmissão, apropriação e ressignificação de tradições. Essa dinâmica, por seu turno, conglomerada uma preservação dialógica da continuidade e da unidade, relacionando em si a origem jesuânica e judaico-cristã e o respectivo contexto cultural helênico vivenciado pelos grupos joaninos<sup>19</sup> (KESSLER, 2003, p. 118-119). No modelo mesocristológico se condensa o espectro cristocultural joanino.

---

<sup>18</sup> “Nesse panorama [...], a apropriação do termo grego “mésos - ê, - on”, que semanticamente designa algo considerado ou colocado no meio, ou entre, fornece-nos significado na medida em evoca uma colocação relacional sintética imparcial entre possíveis extremidades evidentes entre modelos protocristológicos joaninos. Sob esse ponto de vista, diante do painel dicotômico polarizante-cristológico, o neologismo mesocristologia configura-se como uma espiral dialética, um espectro intermediário sintético, que evoca um fluxo crucial dialético ressignificante entre modelos protocristológicos em Jo 1,14” (GUERRA, 2018, p. 318-319).

<sup>19</sup> Sob esse ponto de vista, concordamos com Kessler (2003, p.118, tradução própria) que no contexto da estruturação cristológica joanina “o campo da experiência helenística não representa um mero caminho de roupagem, tampouco uma simples acomodação funcional. Em certos aspectos supõe um lucro e um aprofundamento da cristologia (a recondução mais radical do acontecimento de Cristo a Deus mediante a preexistência e a encarnação, um entrelaçamento universal e cósmico da fé cristológica)”.

Diante deste cenário, a fórmula mesocristológica implícita em **Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο** integra-se como construto que se estrutura a partir da matriz cultural judaico-helenista com maior grau de aculturação helênica. Todavia, esse maior grau de aculturação, inerente ao espectro híbrido cultural mesocristológico não suprime o viés contracultural intrínseco à homologese encarnacional do herói. Na fronteira que denota a interface da concepção cristológica joanina e seu contexto sociorreligioso, o matiz contracultural mesocristológico se estabelece na medida em que os grupos joaninos se alojam na cultura para estabelecer uma crítica à mesma (BARCLAY, 1996). Nesse itinerário, a comunidade joanina se utiliza de elementos da cultura, principalmente da filosofia (*paideia*) grega, para criticar o terreno da religiosidade<sup>20</sup> greco-romana, mais especificamente, o culto imperial (GUERRA, 2018).

Todos estes fatores elencados, distantes do esgotamento da temática proposta, nos direcionam, por sua vez, ao *locus* conclusivo acerca do vetor cristocultural joanino.

## Conclusão

No decorrer deste artigo propomos a estruturação embrionária de um núcleo epistemológico atualizado que contemple um espectro dialógico entre cultura e cristologia nos horizontes do QE. Nesse intuito, buscamos afirmar a existência do que chamamos de cristocultura joanina.

Nesse empreendimento, distantes de um esgotamento epistêmico, e, frente a uma gama de complexidades teóricas que envolvem a temática da cultura na esfera neotestamentária, quantizamos uma provável digital cultural para a comunidade joanina. Guardadas as restrições às tendências binárias, bem como às políticas interpretativas superjudaizantes ou superelenizantes do Evangelho joanino, em síntese, o perfil cultural joanino equacionado anuncia uma comunidade cristã originária predominantemente judaica em suas raízes, mas que também desde seu início interagiu com a cultura grega em vários graus que se estruturavam de acordo com cada momento de sua complexa história.

Esse espectro cultural por sua vez, encontra-se diametralmente relacionado com ao processo revelacional noemático de construção da imagética do Jesus joanino ao longo da saga cristológica da comunidade

<sup>20</sup> Concebemos que a cristologia joanina é condicionada pelo fator cultural, mas não no sentido de se estruturar a partir dos traços religiosos da cultura helenista.

do QE. Nessa *dynamis* de imbricamentos, a digital cultural da comunidade diagramada desde os primórdios sob uma matriz cultural judaico-helênica exerce influência sobre sua digital cristológica joanina.

Dentro deste encadeamento dialógico, a variabilidade de modelos protocristológicos joaninos é diretamente proporcional aos graus de helenização presentes em cada momento do trajeto histórico da comunidade. Em outros termos, esses diferentes graus de helenização em determinada medida interagem com os diferentes (graus) da construção de sua(s) cristologia(s), e, por conseguinte, com a especificidade cristológica inerente a cada fase da comunidade. Da mesma forma, o processo de helenização experimentado pelos grupos joaninos indica, e em certo grau, responde a plataforma de pluralidades cristológicas do QE. Sob essa perspectiva, a variabilidade cristológica joanina é diretamente proporcional ao grau de helenização da comunidade.

Este espectro cristocultural pode ser observado basicamente sob três matizações: O primeiro matiz diz respeito aos primórdios da saga cristológica joanina, momento em que, sob um menor grau de aculturação, se origina o modelo protocristológico real (substrato da baixa cristologia joanina). Nesse contexto, o Jesus joanino é visto, sobretudo em Jo 18,36, como o messias davídico popular ressignificado.

Por sua parte, o segundo matiz, se relaciona com o segundo passo do trajeto cristológico joanino, etapa em que o modelo protocristológico da glória (substrato da alta cristologia joanina) é estruturado a partir de um maior grau de helenização da comunidade, substancialmente, a partir de seu deslocamento para Éfeso, sua abertura ao mundo gentílico e a conseguinte e assimilação da *paideia* grega. Nessa paisagem, delineada, sobretudo em Jo 1,1, a simbiose de matizações e reminiscências culturais e religiosas, intrínseca na diagramação cristológica da glória do herói joanino, associa o cristianismo joanino como um tipo peculiar de devoção a Jesus.

Por fim, o terceiro matiz relacionado ao espectro cristocultural joanino se evidencia na construção da mesocristologia joanina estruturada na homologese da encarnação do herói em Jo 1,14. Nessa dinâmica construcional, o neoprotótipo genético mesocristológico se estabelece como um construto híbrido-cultural, no qual os substratos da baixa e alta cristologia joanina orbitam, plasmam-se e se ressignificam dialética e complementarmente. Este matiz cristológico se quantiza dentro de uma dinâmica relacional de adaptação e aprofundamento, que engloba

a transmissão, apropriação e ressignificação das tradições e culturas no âmbito do judaísmo-helenista joanino. Sob essa diagramação, no modelo mesocristológico se encontra a síntese deste processo de aculturação e se condensa o espectro cristocultural joanino.

## Referências

- BARCLAY, John M.G. **Jews in the mediterranean diaspora: from Alexander to Trajan (323 bce-117 ce)**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1996.
- BARRETT, Charles. **The Gospel according to St. John**. Philadelphia: Westminster Press, 1978.
- BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João: Comentário**. Tradução de Johan Konings, 2013. Disponível em <<http://livrozilla.com/doc/1149300/beutler-coment%C3%A1rio-i-sem-categoria-coment%C3%A1rio>> Acesso em: 21 jun. 2018.
- BLANCHARD, Yves-Marie. **São João**. Tradução de Mariana N. Ribeiro Echalar. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BOUSSET, Wilhelm. **Kyrios Christos: A History of the Belief in Christ from the Beginnings of Christianity to Irenaeus**. Translated by John E. Steely. Nashville: Abingdon, 1970.
- BROWN, Raymond E. **A comunidade do discípulo amado**. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao Novo Testamento**. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BRO LARSEN, Kasper. Narrative docetism: christology and storytelling in the Gospel of John. In: BAUCKHAM, Richard; MOSSER, Carl (Orgs). **The Gospel of John and Christian theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 2008. p. 346-355.
- BRUCE, F. **João: introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- BULTMANN, Rudolf. **Primitive Christianity in its Contemporary Setting**. Translated by R. H. Fuller. London: Thames and Hudson, 1956.
- \_\_\_\_\_. **The gospel of John: a commentary**. Translated by G.R. Beasley-Murray, R.W.N. Hoare and J.K. Riches. Philadelphia: Westminster, 1971.
- \_\_\_\_\_. **Teologia del Nuevo Testamento**. Tradujo Víctor A. Martínez de Lopera. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.
- CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel Costa e Daniel de Oliveira. São Paulo: Liber, 2001.
- CULPEPPER, Alan. R. The christology of the Johannine writings. In: POWELL, Mark Alan; BAUER, David. R (Orgs.). **Who do you say that I am?** Louisville: Westminster John Knox Press, 1999. p. 66-87.

DODD, Charles Harold. **La tradicion historica en el cuarto evangelio**. Madrid: Cristiandad, 1978.

\_\_\_\_\_. **A interpretação do Quarto Evangelho**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DUNDES, Alan. **The hero pattern and the life of Jesus**. Berkeley, CA: Center for Hermeneutical Studies in Hellenistic and Modern Culture, 1977.

FREDRIKSEN, *Paula*. Christians in the Roman Empire in the First Three Centuries CE. In: **Jews, Christians, and the Roman Empire: The Poetics of Power in Late Antiquity**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2013. p. 249-266.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUERRA, Danilo Dourado. **O Reino de Deus e o mundo dos homens: em busca da heterotopia joanina**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015a.

\_\_\_\_\_. Messias e heróis: a ressignificação do messianismo popular na comunidade joanina. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, n.3, v. 25, p. 325-340, jul./set. 2015b.

\_\_\_\_\_. **Heróis em cena: a construção paradigmática contracultural da mesocristologia joanina**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

HENGEL, Martin. **The Johannine Question**. Translated John Bowden. London: SCM Press, 1989.

HURTADO, Larry. **One God, one Lord: early christian devotion and ancient jewish monotheism**. London: SCM press, 1988.

\_\_\_\_\_. **Señor Jesu Cristo**. La devoción a Jesús en el cristianismo primitivo. Salamanca: Sígueme, 2008.

INFANTINO, Salvatore. **La venerazione di Gesù nel protocristianesimo: Indagine sulla cristologia dalle origini gerosolimitane all'età sub-apostolica**. Roma: Citta Nuova Editrice, 2017.

IRONS, Lee. **The use of “hellenistic judaism” in pauline studies**. Partial fulfillment of nt 802 the History of New Testament scholarship. Fuller Theological Seminary, 2006.

KESSLER, Hans. **Manual de cristología**. Traducción Claudio Gancho y Marciano Villanueva. Barcelona: Herder Editorial, 2003.

LELOUP, Jean-Yves. **O Evangelho de João**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIGHTFOOT, Robert H. **St. John's Gospel**. Oxford: Oxford University Press, 1957.

LOHSE, Eduard. **Contexto e ambiente do Novo Testamento**. Tradução de Hans Jörg Witter. São Paulo: Paulinas, 2000.

MALINA. Bruce J. **El mundo del Nuevo Testamento**. Estella: Editorial Verbo Divino, 1995.

MARTYN, J. Louis. **History & Theology in the Fourth Gospel**. Nashville: Abingdon, 1979a.  
\_\_\_\_\_. **The gospel of John in christian history: essays for interpreters**. New York: Paulist Press, 1979b.

RICHTER REIMER, Ivoni. Construção de heterotopias socioculturais nas obras de comunidades judaico-cristãs. **Caminhos**, Goiânia, v. 3, n.1, p. 113- 122, jan./jun. 2004.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **Jesus Cristo nos quatro Evangelhos**. Tradução de Guido Edgar Wenzel. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

SIMPSON, A. B. **Juan, comentario al evangelio**. Terrassa: Clie, 1985.

STEGEMANN, Ekkhard W; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo: os primórdios do judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo**. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

STEGEMANN, Wolfgang. **Jesus e seu tempo**. Tradução de Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2012.

TEPEDINO, Ana Maria Azevedo Lopes. **Espiritualidade e ética: Jesus Cristo e a História da Comunidade joanina**. Tese (Doutorado em Teologia) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1993.

THATCHER, Tom. Remembering Jesus: John's negative christology. In: PORTER, Stanley E (Org). **The Messiah in the Old and New Testaments**. Michigan; Cambridge: B. Eerdmans Publishing, 2007. p.165-189.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. A estrutura do noema e a dupla concepção do objeto intencional em Husserl. **Veritas**, Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 482-498, set./dez. 2013.

VANCELLS, José O. Tuñi. **O testemunho do Evangelho de João: introdução ao estudo do Quarto Evangelho**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1989.

VIDAL, Senén. **Evangelio y Cartas de Juan: Génesis de los textos juánicos**. Bilbao: Ediciones Mensajero, 2013.

VIELHAUER, Philipp. **História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos Pais Apostólicos**. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: SP: Editora Academia Cristã Ltda, 2005.

Submetido em: 4-3-2019

Aceito em: 21-10-2019